

ANAMNESE

MADALENA NEVES AFONSO

Personagens

A vida é um circo
 Às vezes, és o mestre de cerimónias,
 a voz que comanda,
 o olhar que tudo dirige.
 Às vezes, és o mágico,
 tecendo ilusões,
 fazendo o mundo acreditar no que não existe.
 Às vezes, és o trapezista,
 suspenso no ar,
 dançando no fio ténue entre a vida e a queda.
 Às vezes, és o palhaço,
 espalhando risos
 enquanto a tristeza se esconde atrás da pintura.
 E às vezes, és apenas o ajudante,
 aquele que recolhe o que sobra,
 o invisível,
 o que, se desaparecesse,
 talvez não fosse lembrado —
 (a não ser quando os outros percebessem
 que teriam de varrer o próprio caos).
 Então, entra no meu circo de três pistas,
 senta-te na plateia,
 deixa-te levar.
 Surpresas espreitam em cada canto,
 e nunca saberás o que vem a seguir.

Anamnese

A primeira sombra veio aos catorze.
 Aos dezasseis, já era voz,
 já era corpo, já era peso.
 Hoje, ainda me acompanha —
 como eco,
 como cicatriz que nunca fecha.
 Dizem: o tempo cura.
 Mentem.

O tempo não cura nada.
 O tempo apenas cose a ferida
 com linhas tortas.
 Algumas fecham,
 outras ficam inflamadas,
 outras nunca deixam de latejar.
 Há dias em que nem a psicóloga
 se salva de si mesma.
 De joelhos,
 sem fôlego,
 a pensar que o ar que entra
 não me pertence.
 Não falo.
 Não posso.
 Escrevo.
 Com medo.
 Medo de ser ridícula,
 medo de ser julgada,
 medo de expor feridas como quem mostra ossos partidos.
 Chamar-me-ão narcísica?
 Talvez.
 Mas então não seriam todas as biografias?
 E se forem,
 que importa?
 Se escrever é partir para depois colar,
 se escrever é terapia,
 aceito o risco.
 Tenho medo.
 Sempre tive.
 Do escuro,
 dos ratos,
 das doenças,
 das agulhas.
 Hoje, tenho medo de pessoas.
 Eu, que vivo de pessoas,
 que falo, que ensino, que sorrio.
 Mas temo o olhar que atravessa,
 que adivinha,
 que vê a máscara e a pele mal ajustada.
 A pele nunca me coube.
 Torcia as costas,
 estalava o pescoço,
 mexia dedos como quem veste luvas novas.
 O corpo era disfarce,
 mas dentro dele,

a inquietação fervia.
 Agora escrevo,
 e o corpo protesta.
 Os dedos estalam,
 a cabeça pesa.
 Queria parar.
 Pareço falhar.
 Dois pacientes faltaram,
 e a dúvida cresce:
 sou eu o erro?
 Sou eu a profissão errada?
 A lógica responde: não.
 Mas a sombra,
 a velha sombra,
 sussurra: sim.
 E entre a lógica e a sombra,
 fico eu —
 suspensa,
 ainda com medo,
 ainda com cicatrizes,
 ainda a escrever
 para não morrer calada.

O que eu não conto à minha almofada

é que visto máscaras —
 coleção de sorrisos desenhados a carvão,
 uma galeria secreta costurada na pele.
 Sou mulher, psicóloga, poço fundo
 onde mergulham segredos de outros,
 mas o meu ecoa num silêncio
 que nem a noite ousa desvendar.
 Acordo com as máscaras alinhadas,
 emolduradas no cabide dos meus dias:
 a da força, que não treme;
 a da escuta, que tudo absorve;
 a da normalidade,
 que mente com a precisão de quem
 aprendeu a decifrar mapas de rostos alheios.
 Mas a minha geografia interna é bruma,
 labirinto de névoas onde se perdem
 os mapas que dou aos outros.
 Ninguém sabe do peso de ser
 o farol e o barco à deriva.

A máscara que uso no consultório
é feita de vidro:
tudo vejo, tudo me atravessa,
mas ninguém vê o estilhaço
sob a lâmina do sorriso.
Quando a porta fecha,
sou folha amarelada de outono,
exposta ao vento da dúvida.
O corpo mastiga angústias,
engole gritos que só a almofada
ouve, mas não entende.